

Ação Dialógica

José Henrique Manhães

Jun., 2006

Licença:

Subject: *Creative Commons - Public Domain Dedication*

Date: *Wed, 21 Jun 2006 12:05:58 -0500*

Este é um instrumento de registro da Dedição ao Domínio Público.

Junho, 2006

José Henrique Manhães Neves declara estar ciente de que esta abdicação de todos os seus direitos incluem a abdicação de todos os direitos de exigir (judicialmente ou de qualquer outro modo) os direitos autorais sobre a Obra.

Para mais informações, veja

<<http://creativecommons.org/licenses/publicdomain/>>.

Important Reminder "The Creative Commons Public Domain License does not apply to the jurisdiction of Brazil. This option applies, for example, to works subject to American law. If your work is subject to Brazilian law, the "Public Domain" option will not have any legal effects regarding your work. For Brazil, you can use any other type of Creative Commons license, which have full force and effect under Brazilian law. You can choose these licenses at

<http://creativecommons.org/license/>

RESUMO

Este estudo toma como referência a ação dialógica do professor contemporâneo de escolas públicas na construção da identidade dos sujeitos. A inquietação básica é a articulação do aluno-professor como proposta de construção do conhecimento que prioriza o diálogo como elemento primordial ao desenvolvimento das práticas pedagógicas e construção de identidade que se efetivam em sala de aula, possibilitando por meio da ação dialógica a formação de sujeitos reflexivos e atuantes no mundo globalizado.

Partindo do pressuposto que ensinar não é transferir conhecimentos e conteúdos para meramente formar o cidadão, mas sim uma ação à qual o sujeito dá forma e estilo, não se reproduzindo à condição de objeto um do outro – quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. A pesquisa aqui apresentada trata de uma experiência construída a partir das diversas leituras de vários sujeitos, indo desta forma, para além de uma experiência: um acontecimento plural, motivador, concebido a partir de semelhanças e diferenças com: Os Batuques do Pelourinho.

Esta pesquisa teve, portanto, como objetivo levantar questões referentes a ação dialógica que se dá entre professores e alunos de escolas públicas. Com bases no quadro teórico buscou-se a justificativa de se apresentar este trabalho.

A pesquisa buscou narrar de que forma os professores de escolas públicas realizam suas práticas levando-se em consideração a ação dialógica do aluno e professor. Para tanto foi realizada pesquisa empírica exploratória em três unidades de ensino. Os depoimentos colhidos nesses estabelecimentos analisados a luz das teorias indica que a produção do conhecimento em sua plenitude só se dará se cada vez mais professores e alunos se conscientizem que essa produção só se efetiva em sua plenitude na relação dialógica.

Palavras- chave : educação – ação dialógica – construção de identidade.

1. A Ação dialógica nos batuques do Pelourinho

Em 1985 o Pelourinho era palco de tráfico de drogas e prostituição. Sua geografia correspondia a becos e vielas onde os moradores se amontoavam nos pequenos e grandes cortiços que lá existiam. Na mesma área era exercido um poder paralelo. As pessoas sobreviviam a fome e ao desprezo social, cultural econômico e ideológico. Os profissionais da época sentiam-se resistentes e ficavam receosos de atuar em uma “área de risco”. Será que as minorias excludentes do país oferecem risco? Durante quatro anos esse foi o palco no qual este pesquisador viveu e conviveu. Nesse palco foi percebido que a formação docente do pesquisador se deslocaria do pensamento à ação, pois a reflexão do pensar, aliada ao fazer, o possibilitaria incorporar as análises dos saberes fundamentais. Não há como negar que nesse momento a (in) certeza das possibilidades e dos limites iam se concretizando. Mas, logo na segunda semana de exercício, num dia de Bênção, as terças feiras, que os parênteses e o prefixo do vocábulo ficaram menos evidente. As atividades docentes eram realizadas todas as terças, quartas e quintas feira e para felicidade deste pesquisador às terças-feiras a duração da aula se dava de 18h30 às 19h10, pois acontecia e até hoje sobrevive a maior manifestação cultural e religiosa do estado “A Festa da Bênção”. Essa festa é um acontecimento plural, motivador, concebido a partir das semelhanças e diferenças. É múltiplo e por ser múltiplo escapa ante a qualquer tentativa de ser reduzido. Vale ressaltar a partir dessas considerações o olhar de Williams(1998: 37) sobre cultura:

A organização social da cultura, como um sistema de significações realizados, está embutido em uma série completa de articulações, relações e instituições, das quais apenas são manifestadamente culturais. Pelo menos nas sociedades modernas, esta é uma utilização teórica mais eficiente do que o sentido de cultura como o de uma vida global. Esse sentido, oriundo originalmente da antropologia, tem o grande mérito de salientar um sistema geral - sistema específico e organizado de suas práticas, significados e valores desempenhados e estimulados. Ele é um princípio potente contra os hábitos de estudos isolados, historicamente desenvolvidos dentro da ordem social capitalista.

A primeira vista, pode-se afirmar que não há como desprezar uma manifestação que ocorre todas as terças feiras em um espaço único onde há colégios, teatros, Casa de Jorge Amado e espaços para lazer.

Neste momento de batuques, os próprios ressoavam com grande nitidez e apontavam para grandes momentos de êxtase. Seus batuques eram traduzidos no pensamento deste pesquisador, como a ação dialógica que se completava e que se harmonizava entre os participantes deste evento semanal. Alunos e professores compartilhavam e bebiam na mesma taça desse vinho, falavam a mesma linguagem e todos, davam formas diversas aos sons que eclodiam do Grupo Olodum.

Sendo assim, não há como desprezar a sabedoria de Freire (2000) de “quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Nesta manifestação os sentidos iam se estabelecendo de um para outro e de outro para outro. As trocas, sobretudo, as que vinham dos batuques eram decodificadas ao olhar e traduzidas pelas danças. É o olhar recortando o todo, dando luz, dando sentido ao que se tinha lido e estudado. Era teoria em ação, em comunhão.

Assim cumpre definir que este estudo, “a ação dialógica do docente” tem por base a construção de identidade do educando, pois resulta dos diversos saberes, das diversas práticas do professor e do aluno.

2. A ação dialógica como produtora de significados

Para explicitar este artigo, a reflexão foi organizada sobre dois eixos norteadores; a ação dialógica do docente e a construção de identidade.

Para tanto, foi necessário redefinir o que é ação dialógica e identidade.

- Ação dialógica: a ação dialógica é um elemento constitutivo da linguagem e da consciência ideológica. Sua ênfase está na importância da linguagem como fenômeno sócioideológico e apreendida dialogicamente no curso da história.

Nesse sentido compreender a ação dialógica como uma instância produtora de linguagem e, portanto, formadora de subjetividade, requer considerar o ser humano como um todo inacabado que se constitui de suas relações sociais. Decorre, então, a importância do “outro” na formação subjetiva do ser humano. Um exemplo fiel desta pesquisa são os batuques do Pelourinho na ação dialógica. São nesses sons que se busca a totalidade perdida que a linguagem emerge e através dos contrasons, ou ainda contrarritmos, é que novos códigos surgirão à partir de um novo meio interativo.

Com isso, pretende-se demonstrar a relevância das interações ocorridas na escola e no cotidiano, estes adolescentes estão internalizando palavras de outros, tornando-os também parte integrante do eu, enfim, se constituindo enquanto sujeitos e da melhor forma possível. Bakhtin (1997:130), por exemplo, em seu esforço para definir os aspectos da linguagem na sua subjetividade afirma:

Vivencio a vida interior do outro enquanto alma, ao passo que em mim mesmo vivo no espírito. A alma é a imagem vivida que globaliza tudo o que foi efetivamente vivido, tudo o que faz a atualidade da alma no tempo, ao passo que o espírito globaliza todos os significados de sentidos, todos os enfoques existenciais, os atos que fazem sair de si mesmo.

De fato, essa questão permite uma série de reflexões sobre a ação dialógica e a constituição do outro. É a experiência de construção de si mesmo com o outro, o que implica no estabelecimento de um diálogo que em última instância faz com que o eu se veja na imagem que constrói do outro.

Diante dos argumentos apresentados anteriormente a ação dialógica tem a ver com a sintonia com os sons e com as palavras. A sala de aula é lugar de voz.

- Identidade: Numa abordagem antropológica, a identidade é uma construção que se faz com atributos culturais, isto é, ela se caracteriza pelo conjunto de elementos culturais

adquiridos pelo indivíduo através da herança cultural. A identidade confere diferenças aos grupos humanos. Ela se evidencia em termos da consciência da diferença e do contraste com o outro.

Em uma sala de aula ou outro espaço fora desse contexto escolar atores são chamados a falar, a se colocar, a romper o silenciamento que trazem consigo. Falam e discutem sobre os problemas que vivem e enfrentam no cotidiano, junto com seus vizinhos e moradores. Falam e conversam. Trocam experiências, idéias, alegrias, derrotas, vitórias, contam histórias, mobilizam-se e organizam-se para tarefas comuns.

Esse falar, leva ao domínio da fala, a descoberta do poder falar e esse poder falar parece significar poder. Poder de expor-se, confrontar-se e confrontar, transformar e ser transformado. Influenciar e ser influenciado. Tomar decisões e exercer decisões. De silenciado e em silenciamento, parece viver um processo de provável dessilenciamento em que a verbalização e os gestos que a acompanham indicariam uma ruptura de uma silenciosa opressão. Seria a constituição de um ser de poder, por que se descobre com o poder de falar, dizer, se expressar. A palavra, o falar, o dizer não só estariam indicando a constituição de um sujeito dessilenciante, mas também estaria indicando a descoberta do falar igual aos tambores do Pelourinho, descoberta do falar enquanto poder: poder é o mesmo que o grito dos afoxés; do poder enquanto falar, falar é resignificar os sons dos afoxés, e com isso sujeitos políticos. Sujeitos em seus reencontros, políticos enquanto cidadãos.

Sendo assim, é apropriado resgatar um exemplo que é dado por Rodrigues (2001:20):

É este reencontro que recoloca os indivíduos no seu grupo, na sua classe, nas suas relações sociais e os capacita à reconstrução da experiência e do mundo, não mais segundo os ditames de verdades exteriores a ele, mas a partir das verdades que ele é capaz de descobrir segundo sua nova visão e segundo um novo sentido de mundo.

Em Arroyo (1999: 19) se busca apoio, quando trata do sujeito enquanto agente transformador da sociedade, ao enunciar:

(...) a concepção do povo e de sua ação como sujeito político exige uma revisão profunda na relação tradicional entre educação, cidadania e participação política. Para equacionar devidamente o peso da educação na cidadania teremos que prestar atenção aos processos reais de constituição e de formação do povo como sujeito político, que processos são estes e como se dão.

Calazans (2001: 36) também reflete sobre a questão dos sujeitos e seus diversos espaços como formação de identidade. Ela diz assim:

Habitados a viver nos deparando com um sistema educacional organizado, no qual somos integrados desde cedo, tendemos a pensar a aprendizagem apenas como consequência da educação. Entretanto desde sempre, olhando os céus, seguindo o curso dos rios, compartilhando o calor das fogueiras, o homem aprendeu com as coisas. Antes de haver 'transmissão de conhecimentos' e portanto aprendizagem do conhecimento pronto- o homem depende de um outro aprender, decorrente de um intercâmbio com o mundo e com as

peças em ambiente social, através do qual 'descobre' coisas, por meios práticos, por reflexão, por experimentação- e até por acaso.

Ao discutir o conceito de identidade Hall (2001:59) explica que:

(...) não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe , gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.

Diante dos argumentos apresentados pode-se afirmar que quando se trata de sujeitos e construção de identidade, numa perspectiva de ação dialógica é necessário provocar um retroceder no tempo histórico. Para que nesse retroceder o leitor possa se perceber, segundo as condições históricas de cada época, as . pessoas se formam respondendo as questões de seu tempo de um determinado modo e de acordo com as vivências de seu grupo cultural. Assim, é necessário comparar as respostas dadas por outros povos, em outros tempos, com as respostas que são dadas em nosso tempo, encontrando o sentido e a história de nossas próprias respostas.

Não há como produzir conhecimento sem contextualização histórica, social, política e cultural. O repertório de cada indivíduo e sociedade está preso ao contexto vivido. O sujeito não se forma e reforma alienado de seu ambiente social, da mesma forma que ele é influenciado por seu tempo histórico, social e cultural, ele (indivíduo) marca a sociedade em que vive. Nesse processo a linguagem é elemento diferenciador e diferenciado de cada tempo histórico construído a partir da trajetória das diferentes sociedades sempre marcada pelas práticas e ações do indivíduo e da coletividade.

Nesta direção é importante destacar: (MARX 1975: 66) :

A história não faz nada, nada possui grandes riquezas, não liberta nem ao menos uma só de suas lutas; quem faz tudo isso, quem possui e luta é o próprio homem, o homem real, o homem vivente. Não é a história quem usa o homem como ferramenta para atingir uma meta, como a história fosse um ser à parte, a história é senão a ação do homem na perseguição de seus objetivos.

Mais do que em qualquer tempo, há a consciência que o ser é histórico, por isso, imersos nas experiências anteriores, nos conhecimentos, vivências, culturas, acertos, erros, encontros e desencontros acumulados ao longo do cotidiano e de várias gerações.

Por exemplo, a resposta ao que é belo/beleza é dada de diferentes maneiras. Depende da posição ideológica que o indivíduo ou grupo tem no momento. Em algumas culturas e épocas a beleza é concebida utilizando-se de critérios e padrões diferenciados e de cultura para cultura alguns desses critérios chegam até mesmo apresentar padrões antagônicos para expressar o belo. Isto também acontece com os olhares relativos a constituição do sujeito e suas ideologias. Não basta que seja visto somente pelo olhar individual e pessoal, nem somente pelos olhos dos outros. Para de fato ser enxergado e compreendido é fundamental aprender a desenvolver uma visão ampla e completa que comporte os pontos de vista individual e coletivo.

Nesse sentido resgate-se também as palavras de MARQUES (2003: 25)

(...) a ideologia do cotidiano está, pois, implicada na relação que o indivíduo mantém com seus grupos, pela orientação social que recebe e que exerce sobre eles. Portanto, ela aborda o indivíduo de fora para dentro. É a partir da vivência social e dos discursos que recebe, que o indivíduo busca seu próprio discurso como referencial.

De fato esta questão permite uma série de reflexões sobre as relações não autoritárias, o estabelecimento do diálogo entre os interlocutores. Alguns autores fizeram reflexões e caracterizações importantes sobre a ação dialógica, abaixo são destacadas, além da contribuição de Marques, mais duas contribuições.

A primeira é expressa por Gutierrez quando diz que existem algumas possibilidades quando o pensamento se apóia numa relação dialógica: os interlocutores falam e escutam, levam em consideração todas as informações, conhecimentos e experiências do grupo em que esta interlocução está ocorrendo e este diálogo faz com que ocorra um maior envolvimento entre todas as pessoas e o assunto em pauta.

A segunda é aquela que é apontada por Freire (2000: 92) quando registra que:

o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõem-se como o caminho pela qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar idéias em outros. Não pode também converter-se num simples intercâmbio de idéias... Não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem na procura da verdade, mas na imposição de sua própria verdade.

Portanto, para se estabelecer diálogo entre os interlocutores é necessário perceber que não existem verdades absolutas, é preciso uma atitude voltada para a busca do novo, para a escuta, para o transladar-se, para o ponto de vista do outro, transitando pela opinião e redimensionando posições.

3. AS DIVERSAS POSSIBILIDADES DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O exercício de pensar filosoficamente e historicamente o cotidiano dá-se a partir das problematizações temáticas: o educador torna-se alguém que exercita a arte de perguntar, de instigar o educando a pensar nas respostas e de colocar-se diante de novos problemas.

Abaixo, transcreve-se um exemplo de Lipman (1977: 48) mostrando como ele trabalhou em sala de aula, a partir da historicidade e da filosofia, o diálogo e sua construção com um grupo de alunos:

Perguntei as crianças se suas carteiras têm história, se sua escola tem história, se seu país tem uma história e se o mundo tem uma história. Responderam que sim a cada pergunta, com certa minúcia. (Depois arrependi-me de não lhes haver perguntado se a história do mundo era a história deles ou a história de sua história). Concluí o exercício perguntando-lhes se, eles também, tinham histórias. Com isso, concordaram entusiasmados. No final da sessão, para minha surpresa e satisfação, diversos deles se dirigiram a mim para perguntar se eu queria que escrevessem suas próprias histórias, de modo que pudessem dá-las para mim.

A perspectiva assumida nesta investigação é que, através do diálogo, se avalia as diversas possibilidades de explicação dos fenômenos com os quais ao longo da trajetória de existência depara-se o ser social. Contudo, estas possibilidades têm dialeticamente duas características: a de movimento e a de permanência. O que se quer dizer é que por meio do movimento o aluno tem a possibilidade de descobrir e de resignificar novas descobertas que fazem as antigas serem superadas. Por exemplo, o que num determinado momento é considerado como correto em outro pode não o ser. Por outro lado é sua característica de permanência que possibilita a passagem, o acúmulo e a manutenção dos conhecimentos de uma época para outra, se isso não ocorresse certamente não se teria a história dos seres humanos, não se teria a história da escola mecanicista, da nova escola, não se conheceria as abordagens tradicionais, cognitivas, sócio-culturais etc.

Diante dos argumentos apresentados o exercício de pensar e dialogar o cotidiano dá-se a partir de problematizações; o educador torna-se alguém que exercita a arte de perguntar, de instigar o educando a pensar e de colocar-se diante de novos problemas. O cotidiano é profundamente desafiador e, esse desafio coloca-se não como um obstáculo, mas sim como uma exigência de respostas. Os tambores ressoam e suas batidas são resignificadas pelo eu e pelo nós. Isso exercita a tomada de decisões diante de outras posições; nesse sentido o educando, a partir dessa ação dialógica, constrói novos sentidos aos ecos das batidas dos tambores do Pelourinho, assume posições de vida, ressignifica conceitos e isso afetará a qualidade do processo vivido por cada um. Assim, na ação dialógica de educando-educador vira uma importante estratégia pedagógica porque:

(...) só o diálogo de busca constante do saber, através das inter e reciprocidades de nossas perguntas e respostas, gera um genuíno conhecimento. Um conhecimento que aspira habitar em cada um de nós e entre todos nós. Só é um educador aquele que se recusa a sair do diálogo. (DEMO, 2001, p.14)

Nesse sentido, a prática dialógica também fundamentada nas concepções de Bakhtin (1992) indica a importância dos aspectos éticos, políticos e epistemológicos na constituição do atuante e capaz de partilhar, mediar o conhecimento e desenvolver práticas culturais democráticas.

O processo dialógico desenvolvido na sala de aula promove a interação dos múltiplos aspectos que envolvem a cognição, colaborando para que o homem aprenda a ser homem e o conhecimento científico possa florescer.

De fato, é a partir da ação dialógica que educando-educador transcendem para uma concepção da construção da identidade. Para muitos autores essa questão também deve ser analisada a partir da premissa, que o homem constrói seu conhecimento por meio de outros fatos que permeiam sua vida e que o ensinar a aprender estes fatos é uma tarefa inter-relacional que pertence não só ao educador, mas também ao educando com suas experiências e problematizações, pois se entende que a construção do conhecimento científico não é só, mas, também um agente para tal construção.

Com efeito, Japiassu (1999: 66) trata com muita propriedade esta questão do conhecimento científico:

Ensinar a aprender, a se construir ou a se reconstruir, eis o papel do educador. Todo progresso na educação está na construção do espírito, não em sua domesticação. Só o educador que se considera um mestre, não possui o sentido do fracasso ... Se queremos compreender o que realmente se passa no real, precisamos exorcizar os erros que se infiltram naturalmente em nossas primeiras construções do mundo percebido. Precisamos deixar de considerar a incerteza como um sinal de fracasso. E superar a rigidez das idéias recebidas... Daí a importância de se refletir sobre a imagem das ciências que os alunos já se fazem. Porque o empreendimento de comunicação científica, pelo ensino, deve ser concebido como confronto de dois cognitivos distintos, não como o confronto entre um conjunto pleno de ciência e um conjunto vazio de conhecimento.

E mais:

Para o homem, o mundo é sua provocação, um lugar onde enfrenta desafios e testa experiências. Por isso seu processo de aprendizagem, deve exigir que seja dada tanta importância à compreensão quanto à produção do saber. Porque é um ser essencialmente social. Por natureza, político-cultural. Para ele, a sociedade não é uma seleção de indivíduos perecíveis e substituíveis vivendo num território, falando uma língua e praticando exteriormente certos comportamentos. Enquanto indivíduo, o ser humano pertence a sociedade, não somente porque participa de suas significações imaginárias, de suas normas e valores, de seus mitos e representações, de seus projetos e tradições, mas porque partilha da vontade de ser dessa sociedade e de seu contínuo fazer-se. (JAPIASSU, 1999: 92)

Morin (2002: 26) oferece apoio, ao utiliza o conceito de cultura na construção do conceito científico dentro de uma perspectiva plural da ação dialógica ao enunciar:

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas , proibições estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Porque:

O ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como ponto de um helograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personalidades quiméricas... Cada qual tem em si galáxias de sonhos e fantasmas (MORIN, 1993: 57)

Diante dos argumentos e citações apresentados acima é lícito afirmar que a interação das múltiplas vozes que compõem o processo cognitivo tem a possibilidade de construir através da prática do ensinar, concretizada na perspectiva da dialogia. À medida que se interage com o outro, conhecem-se suas culturas, seus saberes, seu cotidiano, suas práticas e constitui-se o modo próprio de ler a vida conhecer o mundo. E tendo a 'pluralidade dos sons' envolvendo as múltiplas vozes que acompanham o processo inter-relacional com as coisas.

A relação dialógica envolve sempre, duas consciências e sua ação é uma relação com o sentido, constituindo as práticas discursivas efetivadas na sala de aula.

E a palavra na ação do diálogo, conforme ressalta BAKHTIN (1997: 128) está em todas as relações entre indivíduos. E para explicar a ubiquidade social da palavra, o autor diz:

(...) As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que não abriram caminhos para sistemas ideológicos estruturados e bem formados

Silenciar a palavra do outro é afastá-lo de suas próprias idéias e pensamentos, podendo provocar-lhe uma concepção equivocada a respeito de si mesmo, dada as condições de assujeitamento a que foi exposto. A palavra, utilizável como signo, é material semiótico da consciência, ou seja, do discurso interior. Apontando para o desempenho da palavra no desenvolvimento do pensamento, Vygotsky (1991: 132) afirma que “*uma palavra é um microcosmo da consciência humana*”

Servindo de mediação entre o educando e educador, a palavra tem seus significados e sentidos constituídos na relação entre esses dois sujeitos. Portanto, é de se refletir como está sendo trabalhada a linguagem que imerge dessa

relação interpessoal, quais os significados constituídos nessa interação e como está definido o papel do educador e educando nesta ação dialógica.

4. TERRITÓRIOS EM AÇÃO

A escola é uma das expressões mais conhecidas da cultura, mas parece ser a menos compreendida tanto pelos governantes como por aqueles que a freqüentam.

No contexto do poder dir-se-á da escola como aquela que reflete de alguma forma as possibilidades e limitações de todo cidadão. Neste sentido, a escola deve ser um sistema social que admite na sua composição interna a formação de subsistemas de uma mesma índole.

Considerando-a como sistema não pode se negar a sua complexidade e ao mesmo tempo reconhecer que uma de suas características é de promover embates, discussões. Essas discussões decorrem da interdependência de seus componentes. Professores e alunos não são simples participantes; muito pelo contrário, são seres sistêmicos e complexos dentro de um sistema chamado escola e sala de aula.

E a sala de aula, posta como um espaço situa-se como uma alternativa para estar. A sala de aula, nesse sentido, partilha a categoria da espacialidade com outros espaços, mas a forma de sua ocupação cria especificidade. Portanto, não basta a existência possível de sala de aula para que se torne sala de aula. Tal como um cenário, ela não se basta para que um enredo todo se desenrole.

Da sala de aula resta analisar o que lhe é essencial, isto é, o que sem o qual deixa de ser o que é. Ao mesmo tempo, a sala de aula pode ser deslocada para lugares os mais diversos possíveis, pois sua atividade essencial extrapola limites físicos.

Historicamente a sala de aula foi e tem sido localizada no perímetro da escola. Dificilmente se consegue pensar em sala de aula separadamente da escola e vice-versa. A escola constitui-se o espaço social que procura garantir minimamente o tempo para a sua ocupação. Cabe lembrar que a palavra escola deriva do grego e significa lugar de ócio.

Formalmente, a sala de aula é ocupada pelas figuras do professor e do aluno. O encontro ou desencontro entre estas figuras confirma a diferença como elo que os relaciona. Relacionar-se pela diferença significa afirmar o outro, a alteridade. Afirmar o outro é afirmar o próprio eu, pois o reconhecimento do eu passa pelo reconhecimento do que é distinto, diverso.

No entanto, deve-se perguntar, por que reconhecer o outro? Tudo é sempre o mesmo! Foucault (1980) diz que os olhos que são feitos para ver não vêem e somente vêem quando são vistos. Lidar com o desconhecido é extremamente desconfortável por isso o eu compreende esforços para enxergar e compreender o outro. O próprio pensar, a mínima consideração sobre a realidade, desdobra o eu num outro, numa distinção e ao mesmo tempo, a identificação não é absoluta, pois um desaparece no outro. Portanto, o eu já é um outro e este já é um eu. Como também diz Hegel (1992) *“o ser em estado puro, indeterminado, equivale ao nada”*.

A completude do eu encontra-se no outro. Mas o outro é sempre o outro e se assim não for, a relação se desfaz. Por isso o outro permanece um desconhecido, aquele que deve ser buscado sempre. Ser amante do outro é perceber-se ignorante do outro. Afinal, amante é o que está fazendo algo. É o que na Língua Portuguesa antiga se chamava de *participio presente*. É o que faz e continua fazendo, e o amante é o inesperado muito embora sempre desejado. Ele é a diferença do estabelecido, do oficial. Ainda o amante não só aparece distintamente, mas redescobre o que se tem e o que se desconhece. Assim é a relação com o outro no sentido de redescoberta, de aluno, de professor. Assim é o espaço da escola em todas as suas dimensões.

Como afirmado até o momento o outro precisa ser levado em consideração, mas isso não deve ser tomado como se o outro fosse o eixo da relação. Cabe mencionar aqui que o outro não é lugar de perfeição, mas como pensa Marques (2003: 58) *“(...) os indivíduos são capazes de se constituírem em sujeitos, na medida que esses se percebem como parte de um coletivo, porque o sentido se concretiza no outro”*. Nesse sentido a completude entre o eu e o outro não é de mero acoplamento, posto que não se trata de seres divididos que buscam no outro sua metade. E a sala de aula é a relação entre o professor e o aluno. Um encontra no outro sua identificação e, concomitantemente, sua negação, pois o professor pressupõe o aluno e vice-versa. O professor nega o aluno porque este necessita ir além do que é para tornar-se realmente o que é. O aluno, por sua vez, nega ao professor o perfil do que ensina para cobrar-lhe a aprendizagem, posto que o desconcerto provocado exige um novo olhar sobre o outro, o aluno.

Assim sendo, resta ao professor perceber a experiência do aluno, provocando o reconhecimento dele pelo próprio aluno e a realização mais consistente de sua elaboração.

O professor, obviamente, não é a única mediação possível, às vezes, nem a melhor, mas é um momento da relação e muito privilegiado porque está aí para o outro. Nietzsche sugere que aquele que pretende estabelecer uma relação com alguém tem que se perguntar se é capaz de conversar com esse alguém por algum tempo. Conversar exige atenção à fala do outro. E a sala de aula enquanto espaço de encontro é local de desafios, posto que é isso que resulta do estar com o outro. O ato de estar junto deve ser investigado segundo o que possa ser mais do que é. Por isso, professor e aluno necessitam estar constantemente aos ritmos dos atabaques para não calcificar o próprio ser e inibir outras possibilidades.

Trata-se de um encontro entre humanos e, talvez, precisamente devido a isso, tenham-se desencontros. Ser professor e ser aluno, estar na sala de aula e manter a ação dialógica pede apreciação no que se pode neste espaço.

5. (DE) MARCANDO AS REFLEXÕES

O exercício de pensar e discutir o ensino e a ação dialógica para desenvolver a prática pedagógica é desenvolver a educação, dentro e fora da sala de aula, ao desafio do diálogo e criar métodos e meios para que ela se realize como uma relação, dentro de ritos proveitosos em que a troca seja a norma. Podemos dizer, nesse sentido, que a realidade da existência humana é a experiência da relação. Acredita-se que essa relação pode ser descortinada em todos os momentos do fazer pedagógico e do pensar a prática docente.

Em PALOMAR, encontram-se argumentos para essas constatações: *“Não podemos conhecer o nada exterior a nós se sairmos de nós mesmos. (...) O Universo é o espelho que podemos contemplar só se tivermos aprendido a conhecer em nós”*

Em Giroux (1997:159) fundamentam-se as concepções de docentes que se colocam como interlocutores. Concorde-se, sobretudo, em aprender a levantar questões acerca dos princípios que subjazem as teorias da educação em vez de aprender o “como fazer” o que muitas vezes é requerido na formação do docente. Há que se privilegiar a reflexão sobre os problemas escolares, sem ditar normas, cartilhas ou modelos. Há que se privilegiar, como argumenta Giroux (1997: 163) o desenvolvimento de uma linguagem crítica atenta aos problemas relacionados a prática de sala de aula .

O olhar neste trabalho, numa intenção de pesquisa qualitativa, foi de buscar os ecos dos sons e os ritmos do discurso docente e discente analisado com uma perspectiva de quem está dentro também do mesmo universo retratado. Aqui voltam os sons e os ritmos: o pesquisador pesquisa sua própria ação e as possíveis mudanças que elas provocam.

A opção foi por uma pesquisa qualitativa exploratória (Bell, 1997) mediante entrevistas em profundidade, com o auxílio de um roteiro não estruturado, com abordagem direta e pessoal que foi inserida na categoria “não convencional” exposta por SOARES.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram registrados as memórias, ações, exercícios, expressões verbais e escritas de trabalhos dos professores.

Da leitura das memórias do docente retirou-se categorias em um outro processo simbólico: que são os signos verbais e toda a sua representação semântica.

Em relação aos alunos, extraiu-se das memórias dos depoimentos, dos trabalhos e das atividades diversas em aula, dentre outras, as seguintes categorias que enriqueceram esta pesquisa sobre a ação dialógica: criatividade, convivência na diversidade, educação, transformação, relações interpessoais, contextualização, inteligência emocional e sala de aula como espaço de convivência.

Para dialogar com os dados anteriores foi realizado um mapeamento de duas escolas públicas. Uma, situada no Parque São Vicente, Belford Roxo, Escola Estadual Alice Paccini Gélio e a outra, Escola Municipal Golda Meir situada na Avenida Sernambetiba 3300, dentro do Condomínio Barra Mares. Sua clientela é separada por duas vias: Linha Amarela e Linha Vermelha. Separa-se também, nesse sentido, a fartura, os privilégios, o mar, areia da praia, a brisa, o vento, os carros importados, os condomínios de luxo, as novas tecnologias, o desjejum, o almoço, o café da tarde e o jantar. Também são separadas pelas ruas enlameadas, pelas praças que não existem, pelas áreas de lazer que nunca saíram do papel. As escolas se separam pelo descaso do poder público, pelo menino que é órfão e por todos aqueles que não têm voz. Uma de frente para o mar e a outra de frente para o descaso das autoridades. Mas as duas escolas gritam pela igualdade, seus sons ecoam nos lugares mais longínquos do Universo. As duas sabem das travessuras dos Fundef's e da sodomia do Banco Mundial. As duas têm gente querendo chorar, rir, comemorar, bater palmas, tocar tambores, afoxés, agogôs. Os dois espaços são assim: sabem o politicamente correto. As duas são co-irmãs dos afagos e desabafos dos professores, por vezes

indignados e cansados destes *aparthaids* que ainda são comuns na sociedade brasileira. Na Escola Estadual Alice Paccini Gélío, que fica a sessenta e dois quilômetros de um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, bairro classe Média Alta da capital do Rio de Janeiro, foi entrevistada a Professora Verônica Osório e foi perguntando o que ela achava sobre o diálogo travado entre o professor e o aluno em suas práticas pedagógicas. Ela diz assim: “(...) o diálogo é fundamental, pois através dele o professor conhece as necessidades do aluno e assim ele pode realizar o processo ensino aprendizagem de forma eficiente”

E diz mais: “(...) através das experiências vividas em sala de aula constato que as práticas educativas terão um efeito muito maior no processo se houver uma interação entre professor e aluno”

Evidencia-se na fala da docente uma proposta dialógica que perpassa pela mediação e interação com o outro. Neste processo percebe-se que a ação dialógica, que também dá corpo ao conhecimento, é a relação na qual os sujeitos se completam e se harmonizam, estando a verdade precisamente, na interação entre eles.

Sobre a “vida” e sua condução foram entrevistados também alguns alunos da Escola Golda Meir e mostrou-se pertinente o que se lê abaixo. É um depoimento da aluna Rosineide Alencar. O que você acha da escola e qual contribuição que a escola tem para sua vida?

“Minha vida é meio que um conto. Mas não é de fadas, não. Um dia tô feliz, outros dias estou triste e as vezes mais ou menos. Acho que a escola não representa tanta coisa. Eu não vejo ela modificar a minha vida. Quando estou triste tento pensar o que fiz na escola para ver se eu me alegro mas a primeira lembrança é a hora do recreio”

E as pinturas na classe. As aulas de desenho?

“Ah, essa até é boa. No desenho, às vezes eu conto algumas coisas que eu não falo pela boca. Quando estou triste eu coloco no desenho, quando minha mãe briga comigo eu também coloco e quando minha professora também briga aí é que eu fico mesmo triste”

Neste fragmento, fica evidenciado que o conceito de escola e suas contribuições não ficam muito claros. A estudante fala de sua vida, de suas tristezas, mas não comenta como a escola poderia dialogar com suas angústias.

É necessário, educadores e sociedade, criar um espaço de discussão que tente encontrar o significado de alguns conceitos na busca de esclarecer o sentido de que se adquire na escola e na família.

E professora Gislane de Fátima do Carmo da Escola Estadual Alice Paccini Gélío também enriquece esta pesquisa quando diz:

“ (...) uma educação de qualidade só se constrói no diálogo, na busca de soluções em conjunto, através de discussões coletivas que levem a um posicionamento crítico diante de um tema. Dialogar com o aluno é não ter medo de atuar ‘no campo das emoções’ pois esse entrosamento

favorece à auto-estima do aluno, constituindo um poderoso instrumento para a aprendizagem e o sucesso escolar”.

Entende-se, a partir da fala da docente, que para o sujeito se constituir é preciso que esteja num contexto de palavras. Para que se construa a subjetividade, é imprescindível entrar “no campo das emoções”, uma vez que o psiquismo humano transcende o real. Até onde as palavras alcançam é o campo do outro.

Se o jovem depende que nele alguém projete um ideal, face uma idealização, na escola o aluno depende que o professor nele projete um ideal, aposte algo sobre a sua aprendizagem. É salutar quando professores acabam investindo na capacidade de um estudante ir além do que eles próprios puderam ir. Nesse sentido o professor consegue direcionar vários alunos para o campo do conhecimento por causa da sua relação com esse conhecimento. O aluno fica implicado do ponto de vista do seu desejo, da sua história.

Do mesmo colégio vem uma contribuição valiosa da aluna Antônia Améria Araújo Oliveira. Ao responder o seguinte questionamento:

_ Os professores da sua escola dialogam com você. Isto é importante?
Ela responde:

“Nem todos. O diálogo seria importante, mas infelizmente não acontece e isso prejudica um pouco o desempenho escolar do aluno. Do meu ponto de vista, isso não me prejudica muito, pois tenho um bom desenvolvimento com os professores mas para outros alunos isso é muito prejudicial. Além do ensino fundamental das matérias, os alunos precisam do diálogo com os professores, pois isso é algo que trás facilidade ao estudante no entendimento do estudo, não só com a matéria mas também na forma de se comunicarem com o mundo”

E em outro questionamento.

_ Qual o sentido da escola para você ?

A estudante Antônia Améria respondeu:

“Fundamental. É uma das primeiras portas a serem abertas na minha vida, pois, é com o estudo que conseguimos conhecer e aprender algo que a vida pede a nós. Não só nesse sentido, mas também me ajuda a reconhecer e me ajuda a me dar melhor com que eu vou precisar no futuro”

O “conhecer e aprender algo que a vida pede a nós” é uma fala perfeita para ensinar e sinalizar que o mundo e a escola são tarefas bem mais complexas do que há tempos, seja ainda pela manutenção do antigo paradigma, ou seja, em particular, pelo papel atual da escola como espaço de fomentações.

Neste cenário os educadores da rede precisam e têm de lidar, concomitantemente com diferentes desafios.

A estudante, o que é corroborado por esse pesquisador, acredita que apesar de todas as dificuldades que as escolas públicas passam, a busca de uma ressignificação tem que vir como desafio para se pensado coletivamente, ou seja, juntos e conectado a proposta da estudante em projeto de vida, projeto pedagógico e projeto de sociedade de modo que os estudantes possam reconhecer este espaço como um local não somente de notas, conceitos e

conteúdos, entretanto, um local também no qual possa ser discutida a liberdade de escolha, de ação, do gostar ou não deste espaço chamado escola.

Prosseguindo com as entrevistas, recebeu-se a contribuição da professora Auriane, também docente da mesma escola da Baixada Fluminense exercendo suas atividades pedagógicas na disciplina de Geografia. A pergunta foi mesma da primeira professora entrevistada. Ela diz assim:

“Sinto necessidade de estabelecer com meu aluno uma relação de gente para gente, com toda complexidade que esta relação implica. Lidar com gente é difícil; às vezes, acontecem alguns embates próprios da convivência com o outro, e, é preciso alguns cuidados para que não haja ressentimentos e desavenças. Acho indispensável estabelecer elos, laços; penetrar e ser penetrada pelo que me caracteriza como gente e pelo o que faz do meu aluno gente, é o que me realiza como alguém que acredita na parceria, não se vê como modelo, nem dona da verdade, muitas vezes até, precisando refletir bastante sobre como encaminhar algumas questões que no relacionamento aluno professor surgem, precisando de resposta ou questões que sinalizam para áreas que fogem ao meu controle”.

Neste depoimento Bakthin, Certeau, Malcher, Marques, Morin e Vygotsky trazem várias contribuições. Entre outras, a de que o sujeito se constitui na dialética das relações sociais.

As relações humanas criam, transformam e administram sempre espaços heterogêneos entre si. Um bate papo pode ser considerado construção em si. Todos os dias estes espaços são vividos, pois nascem das interações entre pessoas, grupos, etc..., surgem subjetividades nascidas das relações interpessoais, que crescem e transformam-se. Para tanto, não se pode perder de vista a formação do educador. Educa-se pelo que se é. Ninguém consegue educar quando existe uma dicotomia entre discurso e prática. Padre Vieira já falava que palavras sem exemplos são tiros sem balas.

Continuando a entrevista a professora Auriane ainda tocou em pontos muito relevantes. A docente continua, falando:

“O conteúdo tem personalidade, a personalidade de quem o está passando, não é neutro. Conteúdo programático este, que é inócuo se não estiver marcando a convivência que o professor e o aluno estabelecem no processo ensino aprendizagem, fazendo as pessoas envolvidas nesse processo serem melhores como pessoas no seu dia-a-dia. Caso contrário, para que serve! Quem e não o que é que importa na apreensão do conteúdo escolar; para que e por que deve o aluno aprender o que a escola ensina! Sendo conteúdo por conteúdo, não vai fazer os agentes envolvidos crescerem como pessoas, muito menos vai criar vínculo de amizade, solidariedade... não fará do professor que é gente, e do aluno que é gente seres complementares”.

Em face do exposto esta fala remete a questão de currículo. Com vistas que a visão emergente de mundo e de pessoa possa ser traduzida no desenvolvimento curricular da escola, é necessário todo educador ter atenção ao que o currículo pode proporcionar. A professora Auriane com sua fala remete a uma postura pluralista, não dogmática que conduza os alunos e professores a uma atitude aberta para com as diversas abordagens do conhecimento, sem

prepotência, de modo a manter acesa a chama da curiosidade e interesse do aluno pela escola, ao fazer cair viseiras e posições apriorísticas ligadas ao paradigma dominante.

Há a necessidade das relações das partes que integralizam o todo. Eis a questão do currículo. É a partir da integralização que se dá a complexidade que se explica pelos múltiplos aspectos influentes no processo do pensar.

Para dar continuidade a reflexão é preciso ressaltar as palavras de Certeau (1993:19):

Ao mesmo tempo em que a escola perde suas forças próprias, uma grande parte da opinião reclama dela a solução de dois dos mais graves problemas da sociedade contemporânea: uma redefinição da cultura, a integração da juventude.

Uma instituição ou educadores que preparam jovens e que os impõe determinados sistemas como mais corretos em detrimento de outros certamente estará reforçando a atitude dogmática hoje vigente em alguns espaços e em consequência estará preparando os jovens para repetir modelos fechando-se a tudo o que se enquadrar às referências do espaço. Em decorrência, estar-se-á cerceando a busca, a progressão, impedindo o crescimento da ciência e o encontro de outras ou de novas explicações para os problemas existentes.

Continuando a entrevista:

“Sinto necessidade de estabelecer uma correspondência biunívoca, passando e recebendo a bola; como num jogo de futebol que ninguém é dispensável, a vitória não é de um jogador, é do time. Neste contexto, o professor é um no processo ensino aprendizagem, sendo cada aluno tendo que ser inserido, conduzido a perceber a sua importância no processo. Quero ser importante não pelo conteúdo programático que sei um pouco mais do que eles (e, que eles podem vir a saber mais do que eu), mas pelo que construo na relação que se estabelece no processo ensino aprendizagem. O conteúdo que levo para os alunos só tem sentido se na prática objetivam o sucesso num exame seletivo (claro!), mas também se representar o aprimoramento humano. Para mim não tem sentido passar tanto tempo com o aluno, compartilhando só de um espaço geográfico-físico, nada acrescentando e, em nada sendo acrescentada; não há emoção! Máquina que é assim, justifica a que veio sendo eficiente na sua função e apenas isso traça a sua importância. Sou gente, meu aluno é gente e é com gente que nos fazemos gente! O professor “conteudista” está pronto para ser substituído pelo robô, pelo computador, já que só tem importância pelo conteúdo que carrega armazenado em sua memória; nego-me a ser esse professor. Aliás, por estar precisando mais do que a escola lhe oferece, esse aluno está desestimulado, não há sentido em aprender por aprender, sem nada que o envolva, o emocione. É assim que penso minha relação diária com meu aluno, acreditando que nenhuma máquina pode me substituir, porque o conhecimento que trago armazenado na memória é só um item; busco ser referência para além do conteudismo”

Entende-se, que é sob este prisma também se coloca o trabalho de Morin. Quando se diz: existo, não se quer dizer com isso que alguma coisa é dona ou possuidora do eu, mas sim que o eu faz parte e está intimamente envolvido com uma realidade maior do que o eu mesmo. Esta complexidade permitiu que o educador compreenda as teias das relações existentes entre todas as coisas. Trata-se, porém, de uma mudança de mentalidade, que o educador percebe que

transformando a sua prática renovar-se-á para um caminho multidimensional para além do conteúdo e das aulas tradicionais. A relação dialógica, neste sentido, a partir da entrevista da docente, produz condições para que esta prática renovadora e autônoma possa se solidarizar com outras e outros companheiros de formação da educação.

A fala da docente, dialoga com a afirmação de Morin (1993: 77):

(...) a agonia planetária não é só a soma de conflitos tradicionais de todos contra todos, mas as crises de diversas espécies, mais o surgimento de problemas novos sem solução, é um todo que se nutre desses ingredientes conflituais, de crise e de problemas, englobando-os, ultrapassando-os e, por sua vez, alimentando-os(...)

Na relação dialógica, o ser humano desenvolve-se e organiza-se, transformando-se. Como sujeito participa de seus grupos sociais, de sua cultura, têm sentimentos e sente a necessidade de expressá-los, porque é gente, humano. Nesta relação, a transdisciplinaridade surge como maneira de romper com os limites entre as disciplinas, que fragmentam o saber e a visão de educadores e alunos. A consciência reflexiva de si e do mundo implica uma necessidade de mudança diante da vida. Morin (1993:100), nesse sentido, afirma:

O problema da complexidade joga-se em várias frentes, vários terrenos. O pensamento complexo deve preencher várias condições para ser complexo: deve ligar o objeto ao sujeito e ao seu ambiente; deve considerar o objeto, não como objeto, mas como sistema-organização levantando os problemas complexos da organização. Deve respeitar a multidimensionalidade dos seres e das coisas. Deve trabalhar-dialogar com a incerteza, com o irracionalizável. Não deve desintegrar o mundo dos fenômenos, mas tentar dar conta dele mutilando-o o menos possível.

Abaixo, foram lançadas perguntas ao aluno Víncius Albuquerque França da escola Golda Meir. Torna-se interessante visualizar as repostas.

- Qual a contribuição da escola em sua vida? Ele responde que :

“A escola me serve para eu ser alguém na vida”

-E o que é ser alguém na vida?

“É saber ler, escrever e falar bem também.”

- E através do voto, você pode contribuir para mudar a sua vida?

“Sim, eu tendo consciência do meu voto e votando certo, a escola pode mudar, os professores também, a família e eu também.”

Esta fala também permite apreciar a função da escola ou do espaço escolar. Entende-se que a posição do estudante Víncius não é neutra. Este estudante também pode ser sujeito transformador. Pode contribuir na formação de si mesmo, de seu cotidiano, de sua história e na história da sociedade, individual ou coletivamente, desde que na prática político-epistemológica da escolarização se oportunize o transformar-se, o ser transformado e o transformar simultâneo do contexto social, econômico, cultural em que está inserida. As microrelações poderão surgir como toda e qualquer relação estabelecida pelo sujeito. Pelos sujeitos. Pelos excluídos. Aqui se estabelece o saber poder de Foucault.

A Professora Maria Helena Gomes Rodrigues de Paula, exerce suas atividades didáticas na mesma escola da Baixada Fluminense, lecionando a

disciplina de Matemática. Foi perguntado o que ela achava do diálogo travado entre professor-aluno em suas práticas pedagógicas. Ela diz assim: *“O diálogo dá oportunidade aos alunos de mostrar até que ponto eles são capazes de formularem conceitos e melhorarem na participação das aulas.”*

O lugar da sala de aula valoriza indivíduos como representantes bem caracterizados de constituição e formadores de identidade. Os conceitos, em sala de aula, podem ser constituídos a partir do outro ou constituindo-se de si mesmo. Observem quando a docente diz: *“eles são capazes de formular conceitos...”* Essa intencionalidade pressupõe a possibilidade de contribuição da educação da escola, da Professora Maria Helena de Paula à transformação da sociedade.

Assim posto, em um exercício de sintetize, pode-se considerar que aula e sala de aula podem ser compreendidas, como locais ou diversos locais, quaisquer que sejam, onde ocorre uma relação de aprendizagem e desenvolvimento recíproco entre sujeitos ou múltiplos sujeitos.

A aluna Maria Leonídia dos Santos da escola Golda Meir deu, também, sua contribuição:

-Qual a diferença entre escola e família?

A estudante afirma que: *“escola é onde se aprende e família é onde se vive”*. Ao questionamento foi perguntado se poderia ser ao contrário, ou seja, que a escola é onde se vive e a família é onde se aprende! Ela respondeu objetivamente que *“sim”*. Em seguida ao questionar a mesma aluna, na tentativa de criar dúvida, foi perguntado se a escola e família (se ela concordava) ser local de vivência e aprendizado? Ela, sem ponderar, riu e respondeu: *“Se eu aprendo na escola é porque eu vivo nela e se eu vivo em casa também aprendo nela”*.

No primeiro momento de sua fala, Maria Leonídia estabeleceu diferenças entre casa e escola. Em um segundo momento, na próxima pergunta estas diferenças não mais foram estabelecidas. Ela percebeu que em suas relações familiares algo também poderia ser apreendido, o que possivelmente, não se aprende na escola, ou também se aprende? Depois descobriu que tanto no espaço escolar e no contexto familiar algo se constitui. Cada um com sua contribuição, sua constituição, com o seu conhecimento. Mas aprenderia? Ou apreenderia? Quem sabe ainda a descoberta de acolher e ser acolhida, nos dois espaços, sobretudo aquele que ao longo da vida tem sido sistemático e organicamente excluído do saber e do próprio sentimento. Ser acolhido, ser ouvido, ser escutado. A escuta como princípio básico da Democracia. Possibilidade de ter direito a si mesmo, sem ser rejeitado, sem ter medo de sê-lo. A possibilidade de falar de seu sentir, de sua dor, de sua alegria, daquilo que a aflige no cotidiano: família, casa, rua, escola. Aquilo que a aflige a si mesmo, mas tendo alguém para partilhar e compartilhar, ouvir, acolher, dar atenção. Contar sua história, sua trajetória, rir de si mesmo, com o outro, brincar consigo e com o outro. Ser. Enfim, um mundo de cultura historicamente produzida e acumulada que passa pelo canto, desencanto, encanto, desenho, conto, poesia, pelo impróprio, pelo cordel, pela estória de avós, pais. Ser. Sabedoria popular negada por todos os positivistas, mas presentes nos jovens e adolescentes de escolas públicas, de Belford Roxo a Barra da Tijuca, dos condomínios de luxo as classes mais miseráveis e desprivilegiadas do Brasil, inerentes a um certo universo de tráfico e traficantes, mas também ao universo do sentir e pensar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pretende defender neste texto não é que a escola se exima de possibilitar a reflexão à cerca da ação dialógica, mas também ser instrumento e espaço social aberto para tal reflexão entre discentes e docentes.

Como o objetivo é explicitar resultados de um processo, há que se considerar que muitos deles ainda estão se tornando mais explícitos agora, ao final de sua apresentação, pois a organização do conhecimento acaba mostrando a gama de caminhos para seu alcance e a impossível missão de ter concluído ou chegado ao final da busca. Mais essa é a razão do conhecimento, sua dinâmica e constante mutação por isso a busca incessante e contínua.

A vida, bem como as experiências, são resultados de participação num processo espiral em que se sabe o porquê perseguir: experiências e imperiências também. A habilidade está em conseguir a seta do tempo, onde as experiências se dão! O que foi que denotou o impulso...

Posto que não se pode antecipar resultados prontos e fechados, uma vez que a pesquisa revela que a experiência é intransitiva. O artigo que foi apresentado que é parte integrante de uma pesquisa não é um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas uma abertura diante do desconhecido, que não é possível antecipar. Portanto a experiência traz a (in) certeza que a pesquisa não é a descrição de um código, mas a construção de um sentido, de um olhar, abrindo possibilidades de re (significação).

Enfim, a pesquisa sobre a ação dialógica de professores de escolas públicas não veio para mostrar um saber, um resultado a que se chegar, mas se constitui um anúncio de provisoriedade do saber, uma verdade particular e relativa - uma construção de ética e cidadania.

Aqui se enfatiza a importância da responsabilidade ética no exercício do papel de professores e formadores de outros sujeitos.

Assim, o estudo encontra-se permeado pelo sentido necessário da ética que conota expressivamente a natureza da prática educativa enquanto atividade reflexiva. Portanto, uma ética afrontada na manifestação de qualquer forma discriminatória, que envolve o crédito na capacidade do outro, que exige acreditar nas pessoas e nas suas potencialidades e possibilidades de produção.

O trabalho pedagógico, a escola e à realização deve ser associada a um empenho em buscar, nos acontecimentos produzidos pelos professores e seus alunos, o que há de novo, de peculiar e potencial, com vistas a desmistificar qualquer tipo de descrédito e despreparo do professor, mas averiguando a possibilidade de que a escola, os professores e seus alunos, se lá estão é porque há tempo para despertar esperanças, auto - estima e valorização. De fato, uma nova cultura, uma nova postura e uma nova ética imposta pelo novo milênio, já estão a se exigir.

Ao encerrar este artigo, (re) afirma-se que, cada vez mais, se estar convencido da implementação de uma prática que advém de uma postura reflexiva, considerando que alunos e professores são partes de um mesmo processo, de um mesmo dizer, sem o qual ambos juntos, deixam de ter sentido.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel. G. **Ciclos do desenvolvimento humano e formação de educadores**. In: Educação e Sociedade : CEDES, n.68 Especial, Campinas, 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7.ed, São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Estética da criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BELL, Judith. **Como realizar um projeto de investigação**. 2.ed. Lisboa: Gradiva, 1997.

CALVINO, Ítalo: **Palomar**. 8.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 10.ed. São Paulo: Papyrus, 1999.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002

DEMO, Pedro. **Saber Pensar**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1980

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 16.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 19.ed São Paulo: Paz e Terra, 2001

GIROUX, Henry. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. 8.ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6.ed. Rio de Janeiro: D P& A, 1999

HEGEL G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.

JAPIASSU, Hilton. **Um desafio à educação: repensar a pedagogia científica**. 9.ed. São Paulo: Letras & Letras, 1999.

LIPMAN, Matthew. **Natasha: diálogos vygotskianos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MALCHER, Maria Ataíde. **A memória da Telenovela: legitimação e gerenciamento**. São Paulo : Alexa Cultural, 2003.

MARQUES, Jane Aparecida – Dissertação de Mestrado - **As mil e uma faces do garoto Bombril** : um estudo da reprodução recepção do discurso publicitário veiculado na mídia impressa. USP. 2003.

MARX, Karl. **O capital**. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Saberes locais e saberes globais**. O olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro : Garamond. 2000.

RODRIGUES, Niedson. **Lições do príncipe e outras lições**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias – Travessia de uma educadora**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 7.ed São Paulo : Martins Fontes, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

